

A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais

Artur Matuck¹

Arthur Meucci²

RESUMO

Este artigo trata do processo de construção identitária na Internet – no que se convencionou chamar de *ciberespaço* – e tem como seu objeto os recursos textuais e estéticos utilizados na criação, construção e divulgação de identidades virtuais, por meio de *blogs*, *fotologs* e comunidades virtuais como o Orkut. Na análise dessas identidades virtuais enfatizamos os aspectos estéticos, psicológicos, sociais e culturais. Tanto os processos de autodefinição como os de alo-definição desses indivíduos emergentes no ciberespaço foram abordados no sentido de esclarecer a complexidade semiótica envolvida.

Palavras-chave: Identidade; estética; autodefinição; alo-definição; linguagens digitais.

ABSTRACT

This paper deals with the process of identity construction in the Internet – in what is conventionally known as cyberspace. Its objects of analysis are the textual and aesthetic resources used in the creation, construction and dissemination of virtual identities through blogs, flogs and virtual communities such as Orkut. In analyzing these virtual identities, we emphasize their aesthetic, psychological, social and cultural aspects. Processes of self-definition and outer-definition of emergent individuals in cyberspace are approached in order to clarify the semiotic complexity involved.

Keywords: Identity; aesthetics; self-definition; outer-definition; digital languages.

¹ Professor e pesquisador do Programa InterUnidades do Museu de Arte Contemporânea (MAC) e do Programa de Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP).

² Filósofo e pesquisador do Espaço Ética, centro de pesquisa em Comunicação e Filosofia.

A construção identitária de qualquer indivíduo, ao longo da sua trajetória, decorre de todas as suas manifestações. Estas, quando observadas, convertem-se em mensagens, que o definem perante os demais. Aplica-se, a esse ininterrupto processo, sobretudo em certas áreas de conhecimento, como a filosofia moral e o direito penal, o conceito de honra, imagem pública, representação construída pelo outro, digna de preservação na vida social e objeto de proteção jurídica. Depois da vida, o maior bem que uma pessoa pode defender, como já sustentava Hobbes, segundo uma análise dos padrões sociais no século XVII.

Os homens, com maior ou menor consciência disso, preocupam-se em manter ou construir certa imagem, formar, nos outros, uma representação de si. Afinal, desde os aportes da fenomenologia, desconsidera-se a possibilidade de qualquer conhecimento – incluindo o de outro ser humano ou de si mesmo – de uma *coisa-em-si*. Daí a necessidade de uma identidade mediadora que permita ao homem comunicar quem é, que garanta a ilusão de um ser imutável e conhecível.

Ante a transformação – composto impermanente num oceano de impermanência – a identidade, para garantir minimamente a ilusão do *eu*, deve resistir, permanecer – ou pelo menos parecer permanecer – para si e para o *outro* (Barros Filho & Lopes 2003: 92).

Eis o recorte deste trabalho, uma abordagem estética da construção identitária no ciberespaço. Nele analisamos dez perfis de usuários, dentre os tipos de *sites* estudados, a fim de averiguar o modo pelo qual os discursos feitos pelo sujeito que se apresenta, bem como os das pessoas que comentam esses perfis, associados às imagens vinculadas, formam um corpo estético que possibilita a construção de um sujeito virtual. Desta maneira iniciamos as bases de discussão sobre estética nessa área. O estudo ora desenvolvido

participa de uma tendência já consolidada, na qual se inscrevem as reflexões sobre identidade e estética no campo da comunicação.

Tomando-se identidade como um conceito, verifica-se que este diz respeito tanto a uma certa imagem que um indivíduo tem de si, como a que o outro faz dele; consiste no processo pelo qual os outros reconhecem as singularidades de uma pessoa, os traços distintivos objetivados em características físicas, emocionais, intelectuais, grupais e comunitárias. Para a pessoa, um suposto *eu*, uma ilusória unidade conceitual³.

Nessa perspectiva, pode-se definir identidade como um processo de apresentação e atribuição de qualidades a um sujeito, segundo sua cultura, atitudes, aparência e também com base na expressão de seus valores. Tais qualidades, embora não possuam uma correlação absoluta, e não formem uma unidade, possuem semelhanças entre si, constituem protótipos socialmente definidos, que aglutinam os diversos fragmentos do que se chama “*eu*”: o *eu* profissional, o *eu* religioso, o *eu* torcedor, o *eu* paterno etc.

No decorrer da história, o homem preocupou-se em construir esteticamente sua identidade. Roupas, jóias, utensílios, o cuidado com o corpo, qualquer meio estético pode ser usado para se autodefinir. Nobre, servo, sacerdote, soldado, grego, italiano, árabe, cada uma destas “qualidades” foram retratadas aos demais pelos traços distintivos do corpo e das vestimentas. Objetos artísticos de povos ditos primitivos encontrados por arqueólogos indicam não só a existência de uma preocupação religiosa, mas também a presença de critérios de união e de distinção social em determinadas tribos (Gombrich 1993). O uso de determinados objetos de arte, principalmente após o Renascimento, como jóias e pinturas, denunciava a tentativa do indivíduo de construir uma imagem de si para os demais, de relatar qualidades que

³ Alude-se aqui às teorias conceituais sobre a *semelhança de família*, em Wittgenstein (1958), e à concepção *prototípica* de Eleanor Rosch (ver Oliveira 1999).

muitas vezes eram difíceis de se constatar, como o grau de instrução, cultura, bom gosto, engajamento político e círculo social de pertencimento (Argan 1995).

Desde o surgimento dos meios de comunicação de massa, os mecanismos de construção identitária sofreram inúmeros processos de transformação. A televisão, em especial, participou destas significativas mudanças e operou processos de aculturação que geraram novas características de comportamento e concepções de identidade.

Em suas pesquisas de recepção da mídia televisiva, George Gerbner (2002) revelou as severas distorções da realidade que ela impõe. Segundo ele, quanto mais um indivíduo assiste televisão, mais ele vê a realidade de maneira deformada. Por meio da exposição contínua de temas como violência, morte, além de traços culturais americanos, a televisão cria um universo coletivo de insegurança e de dominação cultural. Alguns pesquisadores relatam que na Inglaterra, país onde a arma de fogo foi proibida, a população manifestou a crença de que o aumento de pessoas mortas por armas de fogo crescia consideravelmente (Wober 1978).

As mídias digitais, especialmente no ciberespaço, detêm uma situação diferenciada das demais mídias, pois nelas um grande número de indivíduos pode ocupar espaços potencialmente infinitos, se comparados aos da televisão, jornais, rádio e outros veículos. Entretanto, para se fazer conhecer e atrair espectadores que se disponham a acessar uma página individual, é comum que seu autor recorra a meios de massa e busque divulgação em revistas, jornais, televisão ou mesmo em outros *sites*.

Com a Internet, os processos de construção identitária vêm ganhando uma nova forma. Ao disponibilizar um lugar no ciberespaço, a rede possibilita a um número maior de pessoas a oportunidade de se relatar, garante maior liberdade de mostrar ou construir a própria identidade. Tal possi-

bilidade constitui um fenômeno, que se potencializa com o surgimento dos *blogs*, *fotologs* e das comunidades virtuais, como o Orkut, Gazzag e outras.

O *blog* é uma página *web*, constantemente atualizada, composta por pequenos parágrafos apresentados cronologicamente, com comentários.⁴ O *fotolog* é um *blog* de fotos, um diário virtual com imagens.⁵ Já as comunidades virtuais, como o Orkut, são ferramentas de relacionamento social que conectam pessoas e visam ampliar seus círculos sociais.⁶ Esses *sites*, freqüentemente usados como instâncias de definição de uma identidade virtual, são os correspondentes virtuais de alguém que geralmente existe no mundo físico. Nesse sentido, tais ferramentas convertem-se em linguagens digitais, que tornam possível a construção de um novo tipo de identidade.

Essas instâncias da rede permitem observar a ligação entre padrões estéticos e construção identitária. Nelas, as manifestações pessoais usam cada vez mais imagens fixas, como os panos de fundo, ou animadas, como os GIFs e outros recursos que dão a sensação de animação.⁷ Cores, formas, traços, *design*, todos esses elementos constroem corpos virtuais e expressam a subjetividade das emoções.

No que tange às expressões subjetivas por meio de imagens, muitos especialistas observam que se até no naturalismo as pinturas tinham como preocupação a figuração – ou seja, melhor forma de retratar a aparência de um objeto –, com o movimento denominado expressionismo, início do século XX, a imagem passa a retratar os sentimentos que atuam sobre o homem. “A partir deste momento a pintura libera-se para expressar qualquer estado do espírito que queira mostrar” (Menezes Campos 2004: 167). Palavras, cores, pinturas e fotos retratadas em *blogs*, *fotologs* e *sites* passam a fornecer às pessoas um tipo de identidade, não mais meramente física, mas sobretudo psicológica, sentimental. Os recursos tentam,

⁴ Disponível em: <<http://www.blogs.com.br/oqueblog.php>>. Acesso em: 22/4/2005.

⁵ Disponível em: <<http://flogbrasil.terra.com.br/contato.php?tipo=4>>. Acesso em: 22/4/2005.

⁶ Disponível em: <www.orkut.com>. Acesso em: 12/5/2003.

⁷ Disponível em: <<http://www.infowester.com/imagensnet.php>>. Acesso em: 22/4/2005.

cada vez mais, retratar ou criar o simulacro mais perfeito possível da realidade, como nota Goffman quando afirma que, ao se apresentar aos outros, o indivíduo:

Pede-lhes para acreditar que o personagem que vêm no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as conseqüências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser (Goffman 2003: 25).

No universo virtual, que se apresenta estilizado, solicita-se aos receptores que não acreditem literalmente em tudo o que está manifestado, e sim que participem de um jogo semiótico de decodificações não literais, de uma exibição de conhecimento de códigos grupais.

A partir dessas considerações, aborda-se num primeiro momento as tentativas de apresentação de uma identidade virtual, o que denominamos de autodefinição, e, posteriormente, a participação do *outro* na construção identitária, alo-definição.

1 Os mecanismos identitários segundo a autodefinição

As construções de personagens virtuais decorrem da impossibilidade de se conhecer todas as pessoas no plano físico e da disponibilidade de novas formas, estratégias e modelos de intercomunicação. No universo digital não há a relação física com as pessoas encontradas, portanto, para que haja conhecimento mútuo e se estabeleça uma troca é necessário que as pessoas construam identidades virtuais.

Apesar de ser motivo de muitas críticas, a construção de personagens virtuais, que tem como suporte as pessoas reais, é defendida pelos especialistas no assunto. O ciber-

arquiteto Peter Anders (2001), diz que a construção de identidades virtuais se baseia na relação destas com o mundo real. Os homens, sendo *coisas-em-si*, são *noumenos*, como observou Kant (1987), e por isso não podem ser conhecidos diretamente, pois o que se chega a conhecer são somente os fenômenos que partem das coisas. Os homens constroem seus fenômenos, participam ativamente da construção identitária no mundo físico; da mesma forma, é natural que construam identidades virtuais para existir neste mundo, e no virtual.

[...] um marco crítico nesta história foi a determinação de Kant (e autores subseqüentes) de que nós participamos da criação de nossa realidade – de nossa visão de mundo. Esta inclui a totalidade dos sons, imagens mentais, e os produtos da percepção e cognição. [...] Assim, nós criamos o espaço – nossa visão holística do mundo – para controlar a consciência (Anders 2001: 59).

Entende-se por autodefinição o processo pelo qual o sujeito define a si mesmo, o que no ciberespaço se dá, principalmente, por meio do registro de dados pessoais, das descrições narrativas, das imagens e fotos postadas, bem como pela maneira que as pessoas organizam seu perfil.

Um caso típico de autodefinição é o espaço virtual⁸ de Maria Barros⁹. Segundo a tendência de outros *blogs*, o que prevalece nesse perfil são os relatos sentimentais, em detrimento dos relatos do cotidiano. Nele encontram-se figuras que enfeitam o texto, como bebês, filhotes de cachorro e imagens sensuais que envolvem a boca. Esse conjunto compõe a mensagem central da identidade de Maria: mulher que para os outros é profissional rigorosa e exigente e, no entanto, trata-se de uma pessoa apaixonada, sensível, à espera de um homem viril, que lhe faça feliz, estilo coerente com a definição em seu perfil:

⁸ Espaço virtual é o nome empregado pela prestadora de serviço MSN para designar um tipo de página que contém um *blog* e um álbum de fotos do usuário.

⁹ Disponível em: <<http://spaces.msn.com/members/silenciosa>>. Acesso em: 15/5/2005.

virtual. Os vários recursos estéticos compõem a construção de sua identidade em forma de apresentação.

Recorre-se aqui ao conceito de representação. É comum o uso equivocado desse termo, como em estratégias retóricas que se referem à imagem de alguma coisa ou de uma empresa. A representação é, em primeiro lugar, uma condição singular dos sujeitos que percebem o mundo – *vors-tellung*, como tratou Schopenhauer (2001). Somente o sujeito que percebe pode construir uma representação de algo que se apresenta a ele.

A palavra *representação* tem origem etimológica no latim, *repraesentationis*, que significa “ser a reprodução de alguma coisa”, uma “reconstrução”, melhor dizendo. Estudos sobre recepção realizados no campo da comunicação provam exaustivamente que os indivíduos reconstróem as mensagens e informações a que são expostos, são sujeitos ativos nesse processo (Baccega 1998).

Outro sentido para representação é proposto pela tradução de Goffman (2003), que faz referência às chamadas representações teatrais do indivíduo como um ator social. No idioma original, o termo *presentation* tem pouco que ver com sua tradução literal para o português. Assim, não é adequado dizer que o conteúdo de um *blog*, ou de qualquer outro *site* desse tipo, é a representação de uma pessoa, e sim que ele é uma apresentação em busca de autodefinição. A representação só ocorre no processo em que o sujeito re-apresenta (reconstrói) a definição do outro na sua mente.

No intuito de tentar construir uma representação desejada pelo sujeito que percebe, muitos *blogs* são construídos para causar, logo de início, uma afinidade visual com a identidade, antes mesmo de expor o discurso.

A construção estética da personagem virtual no *blog* não contempla somente os textos. Há imagens postadas e seguidas de comentários, como as fotos de carros esportivos

Estratégias de construção identitária



(Blog de Rafael Gomes Ribeiro – análise estética)

Neste *blog*, podemos ver, ao abrir a página, a figura de um surfista, no meio da onda, e o resto da página num tom azul de mar. A diagramação da página, voltada ao estilo de surfistas, é um dos inúmeros tipos de *templates* disponíveis para *blogs*. Estes dão uma figura, um estilo e uma diagramação coerente com o tema desejado. Neste caso, o surf.

Os *templates* reduzem a liberdade para a configuração da página, mas são muito usados pela beleza e, principalmente, por dispensar os inúmeros trabalhos de programação, facilitando a construção desta.

Ouve-se uma música da Legião Urbana, com a foto do CD publicada logo abaixo da figura do surfista. Nas músicas prediletas estão as bandas socialmente autorizadas pelo grupo ao qual este indivíduo pertence, como Nirvana, Metallica, O Rapa etc. No que ele considera as melhores coisas a se fazer, escreve: “Ouvir ROCK de todos os tipos, Reggae, ficar na net, jogar, falar inglês e sair com os amigos...brincar de “comandos em ação é o melhor de todos”...rsrs” [sic].

importados, uma alusão aos desejos de consumo de Rafael. Para ele, velocidade e esporte andam juntos, o que justifica o orgulho em exibir as multas por alta velocidade ou por direção perigosa. Junto às imagens de carros, seu diário exhibe fotos de mulheres com quem teve contato. A apologia ao consumo de álcool também se faz presente.

Uma das principais estratégias de Rafael na construção de sua personagem é a exibição das fotos dele na praia, so-

zinho ou jogando bola com outros surfistas. Ele faz questão de mostrar seu grau de intimidade com a tribo de surfistas. Como as imagens produzem um grau de legitimidade maior do que o discurso em primeira pessoa, passam a ser utilizadas com frequência (Bourdieu 1983).

A expressividade do indivíduo (e, portanto, sua capacidade de dar impressão) parece envolver duas espécies radicalmente diferentes de atividades significativas: a expressão que ele transmite e a expressão que emite (Goffman 2003: 12).

No sentido atribuído por Goffman, ressaltam-se os dois tipos de manifestações constitutivas da imagem do indivíduo. A primeira delas, a expressão transmitida, abrange os símbolos verbais, ou seus substitutos, usados de maneira deliberada, com o intuito de criar associações que remetam ao indivíduo. Nos *sites* analisados tais manifestações são produzidas segundo uma estratégia estética que utiliza textos e imagens. Já as expressões emitidas incluem os vários tipos de ações que podem ser consideradas sintomáticas do autor. No caso da Internet, onde a ausência do contato físico limita a manifestação desse tipo de expressão, ela passa a ser mais notada pela opção gráfica adotada e pela coerência entre as descrições pessoais e a escolha de textos e fotos publicadas. Se, no caso do perfil do Rafael, ele manifestasse gosto por pagode, por exemplo, isso comprometeria a legitimidade de seu perfil. As expressões emitidas podem afirmar ou comprometer a apresentação que o indivíduo faz de si.

Goffman (2003: 23) lembra que os indivíduos muitas vezes transmitem informações falsas intencionalmente por meio dos dois tipos de expressão. A manipulação, no primeiro caso, implica fraude, e no segundo caso, em dissimulação: “[...] acho que, quando um indivíduo se apresenta diante de outros, terá muitos motivos para controlar a im-

pressão que estes recebem da situação”. Essa tendência à manipulação se acentua na Internet, onde a desconfiança quanto às informações veiculadas virtualmente coloca em relevo sua importância.

O processo de autodefinição em *fotolog* é mais sutil. Como não há muito espaço para a descrição pessoal, que só se revela em um simples *link* marginal, a definição do indivíduo ocorre por meio das fotos. No *fotolog*, dia após dia, há uma foto publicada pelo usuário, seguida de seus comentários ou relatos. Ao contrário do que ocorre no *blog*, no *fotolog* a foto é mais importante do que o texto. Nele a identidade se define, sobretudo, pela escolha das imagens publicadas. Geralmente, há uma predominância de fotos de pessoas, mas há, em menor número, fotos de paisagens.

Destaca-se, a título de exceção, o *fotolog* de Antônio Erivaldo¹¹, apresentado sumariamente como “casado, com 44 anos”. Por muito tempo os internautas acharam que Erivaldo era um tipo de artista, ou simplesmente um intelectual de bom gosto. Seu *fotolog* ganhou notoriedade pelas fotos ali publicadas, fotos urbanas, em sua maioria. Com o texto praticamente ausente, as fotos são reveladoras de suas preferências, inquietações, ânimos e humores. Objeto de reportagem, Erivaldo foi identificado como cobrador de ônibus e relatou que suas fotos são tiradas, quase sempre, da janela, durante o trabalho. Diferentemente de muitos criadores de *fotologs*, Erivaldo não publica fotos de si mesmo. O mundo exibido por ele é, em certa medida, seu espelho. Nesse caso, observa-se uma dissonância entre o Erivaldo virtual e o Erivaldo cobrador de ônibus.

Os processos de autodefinição são um dos principais componentes dos mecanismos de construção identitária, porém, não são os únicos. Há também o que os outros usuários escrevem sobre o indivíduo, os relatos e testemunhos que dão, que formam o processo de alteridade pelo qual se constitui o *eu*: a alo-definição.

¹¹ Disponível em:
<<http://fotolog.terra.com.br/toninho>>.
Acesso em: 3/4/2005.

Dissonância de identidades

(Fotolog de Antônio Erivaldo – análise estética)

Nos *folotogs*, semelhantes ao do Erivaldo, a foto principal ocupa o centro da página. Abaixo dela fica a data e o dia da publicação. Também há um texto que geralmente explica a imagem. Abaixo das fotos ficam os comentários das pessoas que as viram. No canto esquerdo quase sempre ficam as últimas fotos publicadas, neste caso quase todas da cidade de São Paulo. Elas constituem um belo trabalho artístico. Do lado direito, os seus *folotogs* prediletos.

2 Os mecanismos identitários segundo a alo-definição

Denominamos de alo-definição tanto as definições que os outros fazem do indivíduo, como os meios pelos quais se restringe sua livre definição, ambos processos de construção da identidade que independem da autodefinição.

No que tange à estética, essas restrições são comuns. O mundo virtual, apesar de seus elementos alo-definidores, não coloca em xeque a reflexão estética. Pelo contrário. Alguns teóricos argumentam que a estética, como um tipo de saber, surge das prescrições e restrições que um determinado período, ou escola, impunha aos artistas (Kossovitich 1994). O surgimento das discussões sobre estética, bem como o aparecimento do crítico e do historiador de arte no

século XVIII, tinha como finalidade inicial ditar parâmetros e criticar artistas que destoavam dos preceitos artísticos de seu tempo (Meucci 2004). Neste sentido a estética mais uma vez se torna condição inicial de reflexão no ciberespaço, pois é preciso um mecanismo que administre a tensão entre os elementos de restrição físico, institucional e social que são impostos ao indivíduo que fará o *site*, e ao mesmo tempo conciliar com a necessidade de expressão e a originalidade, que este quer manifestar. Temos assim a necessidade de ressaltar essas questões.

Mencionou-se anteriormente que, no ciberespaço, a expressão do indivíduo é limitada pelos *softwares* usados na construção da página. A colocação no *site* de certas informações em detrimento de outras é um mecanismo alo-definidor. A possibilidade, ou não, de colocar certas imagens, o tamanho destas, as cores a usar, o que e onde escrever, entre outras decisões, são imposições de padrões que respeitam a flexibilidade do *software*, do servidor, da política das empresas que disponibilizam esses serviços, bem como as exigências legais.

Já se tratou, na primeira parte, de algumas limitações do ciberespaço ligadas às imposições postas pelo meio de comunicação estudado, bem como pelos *sites*. Existem, porém, outros mecanismos indiretos de alo-definição que atuam sobre a construção das identidades. Um desses mecanismos de coação, interiorizado ao longo da história do indivíduo na sociedade, é a socialização, que, mais do que ensina, adentra a apresentação que este faz de si. Cria o *habitus* (Barros Filho & Lopes 2003). Com base nesse mecanismo, pode-se dizer que os indivíduos muitas vezes dispensam certos cálculos de ação ao se apresentar por possuírem a noção do que é certo dizer e fazer num primeiro encontro, e saberem evitar o que é “estúpido” ou “ridículo”. Alguns diriam que na Internet não há limites, que seria

normal alguém se apresentar logo de início como “Rafael, drogado e prostituído”. Entretanto, essa ausência de limites é apenas aparente.

A flexibilidade da rede não elimina os padrões de apresentação já incorporados pelo internauta. De todos os perfis selecionados, aleatoriamente, para esta pesquisa, somente o de Rafael Ribeiro destoa na apresentação pessoal. Mesmo assim, ele respeita parâmetros culturais de definição e apresentação condizentes com o grupo social a que pertence. Apesar da forma hilária de descrição ser usada por muitos usuários na rede, e ser mais aceita do que na apresentação pessoal, a pessoa atrás do perfil sente a necessidade de respeitar alguns parâmetros. Em entrevistas desestruturadas, feitas por *e-mail* com alguns pesquisados, revelou-se uma certa preocupação com o outro, muitas vezes em relação à sedução, que requer obediência a certos trâmites, como afirma um dos pesquisados, Cléber Freitas¹²:

– Jamais me apresentaria frente a frente como um cara que ama concreto armado. No Orkut sinto-me livre para dizer isto. Dá pra fazer umas palhaçadas, uns charmes... Porém, eu manero. [...] Tu sabes que por aqui rola umas azarações. Parecer retardado queima o filme né¹³. [*sic*]

Muitos dos perfis femininos pesquisados, mesmo os mais excêntricos, também relatam essa preocupação. Ao contrário da maioria dos homens¹⁴, as mulheres que namoram, ou são casadas, e que publicam seus perfis confessam, em entrevista aberta, que aguardam o que elas definem como “o homem da sua vida” aparecer para “fazê-las feliz”. Quase todas as entrevistadas¹⁵ dizem que querem causar boa impressão para que o “o homem certo para a vida delas” não se assuste. Essas “manifestações espontâneas”, sem estímulos específicos para tais respostas, enriqueceram a pesquisa, pois não tinham sido cogitadas nas hipóteses iniciais.

¹² Disponível em: <<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=13096384030076935159>>. Acesso em: 18/4/2005.

¹³ Entrevista concedida por *e-mail* no dia 20/3/2005.

¹⁴ Alguns dos homens comprometidos entrevistados dizem estar à espera de mulheres que queiram ter somente um caso, sem envolvimento sentimental, em contraposição com as mulheres. Eles pediram para não ser identificados.

¹⁵ As entrevistadas pediram que seus relatos não fossem identificados.

Nem todos são brincalhões com os perfis. Há muitos que estão à procura de trabalho, ou mesmo de reconhecimento social pelo que fazem fora da Internet. Escritores, administradores de empresas, arquitetos, muitos deles profissionais da *web*, participam do Orkut, fazem *blogs* e até mesmo *sites* pessoais para se autopromover.¹⁶

As instâncias de socialização são os processos de alo-definição mais comuns, mas também os menos percebidos. A identidade criada pela alteridade é o mais notório desses casos. A definição, direta ou indireta, dada pelo outro é tão importante quanto o processo de autodefinição, já que é o relato do outro que legitima, deslegitima ou acrescenta qualidades ao perfil do sujeito. O processo pelo qual o sujeito avalia a ação do outro e se manifesta é mediado pela transferência do *eu*, que tenta se colocar no lugar do outro, a fim de estender seus limites. À criação de si soma-se a existência de terceiros. Tal fenômeno é objeto de reflexão privilegiado da fenomenologia contemporânea:

Ora, é justamente meu corpo que percebe o corpo do outro e encontra neste como que um prolongamento milagroso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo; a partir de então, como as partes familiares do meu corpo formam um sistema, o corpo do outro e o meu são um todo único, a frente e o verso de um mesmo fenômeno (Merleau-Ponty 1987: 406).

Nos ciberespaços estudados, os *softwares* proporcionam campos para comentários, em que pessoas conhecidas ou desconhecidas se manifestam. Frequentemente comentários de amigos do autor do *site* revelam posições dissonantes diante da construção da personagem. Pegamos, a título de exemplo, o *blog* de Fabricio e Tiago da Silva Rezende, intitulado *Soumongol*¹⁷. Nele os usuários construíram um espaço onde tentam criar uma identidade

¹⁶ Um exemplo é o pesquisado Carlos Eduardo Moreira, encontrado no Orkut, que possui uma página pessoal de seus trabalhos. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/arte/c.eduardo.m>>. Acesso em: 18/4/2005.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.soumongol.blogspot.com>>. Acesso em: 2/4/2005.

que remeta a pessoas de bom humor, inteligentes, sagazes, divertidas e de “boa pinta”. Porém, conhecidos e desconhecidos, ao verem o *blog*, comentam que as piadas são ruins e ridículas e referem-se aos autores como “pessoas chatas” e de um “humor muito ruim”. Nesse caso, o processo de alteridade é contrário à autodefinição dos autores, pois os “outros” denunciam as estratégias discursivas construtoras de identidade como insuficientes, criticáveis, o que compromete o simulacro.

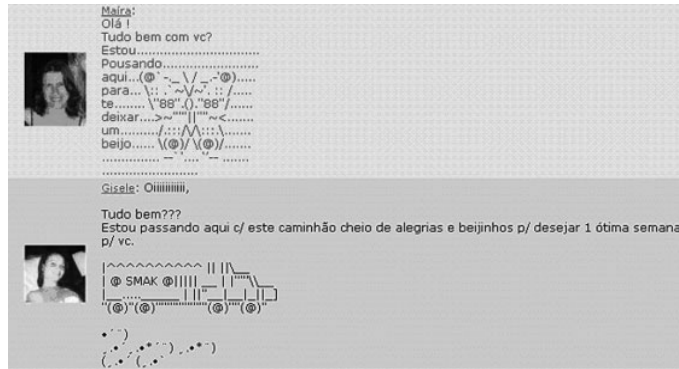
Um bom lugar para se observar a alo-definição, bem como a construção identitária oriunda da alteridade, são as comunidades virtuais, como o Orkut. Nesta comunidade o perfil sofre grandes restrições impostas pelo *site* no que diz respeito a autodefinição. Ao contrário do que ocorre nos *blogs* e *fotologs*, no Orkut o usuário não tem flexibilidade para diagramar seu próprio perfil nem pode publicar suas imagens em qualquer lugar. Não há diários, somente um mural de recados para intercomunicação. Isso envolve, entre outras coisas, uma limitação nas operações estéticas operada pelos indivíduos ao se definirem.

A página principal tem uma diagramação bem restrita: a foto da pessoa à esquerda, sua autodescrição no centro, seus amigos e comunidades à direita. Para quem deseja informações extras sobre a profissão da pessoa, ou qualidades de interesse da libido, existem outras duas subpáginas para consulta, sinalizadas por ícones, um com o desenho de um boneco de terno, e o outro, sugestivamente, com um coração vermelho.

A questão estética não chega a ser uma preocupação menor entre os usuários do Orkut, e as singularidades artísticas são destacadas de inúmeras formas. No campo “quem sou eu”, muitos usuários escrevem suas apresentações em formato de desenho, colocam poemas ou reproduzem letras de música. Muitas vezes, tais manifestações envolvem a pri-

meira pessoa, por exemplo: “Não preciso me drogar para ser um gênio; não preciso ser gênio para ser humano; mas preciso do seu sorriso para ser feliz!!!”¹⁸.

Concretismo orkutiano



(Um mural de recados do Orkut – análise estética)

Estas manifestações estéticas não só caracterizam quem as cria, como também quem as recebe. Mesmo que um usuário não escreva poemas, ou construa desenhos com as letras e demais caracteres, a manifestação de amigos, nos murais de recados, caracteriza o círculo de amizade que o indivíduo possui. Transfere a este um capital relacional.

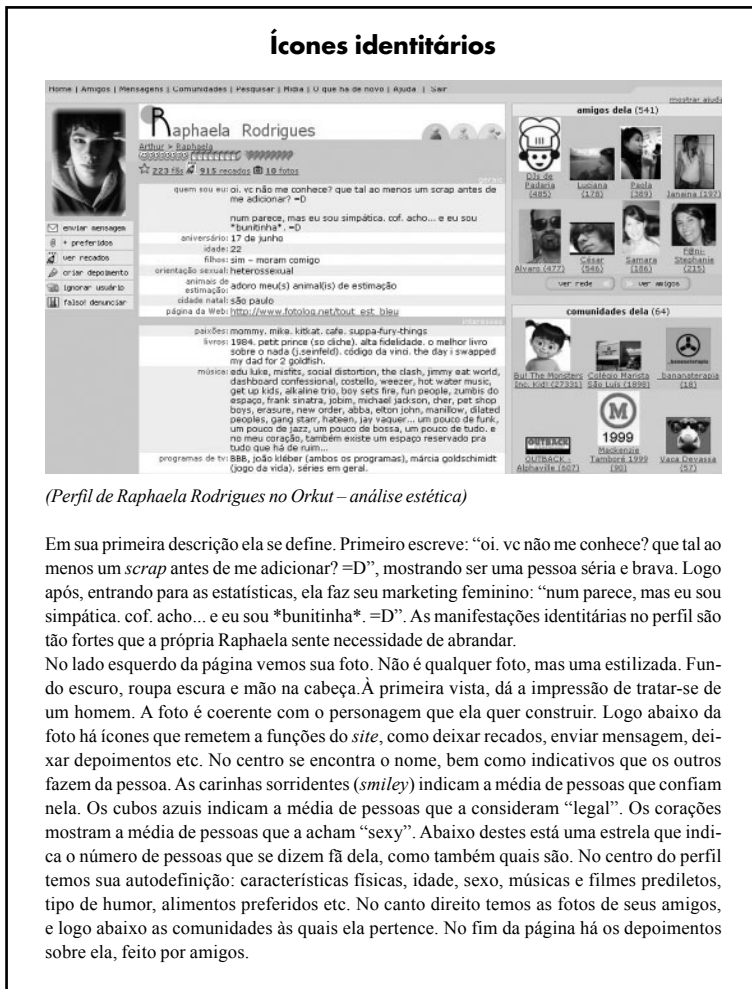
Essas expressões estéticas não somente caracterizam quem as faz, como também quem as recebe. Mesmo que um usuário não escreva poemas, ou construa desenhos com as letras, a manifestação de amigos, nos murais de recado, caracteriza o círculo de amizade que o indivíduo possui, transfere um capital relacional que abrange a estética.

Ao analisar um perfil típico do Orkut, o de Raphaela Rodrigues¹⁹, encontram-se ícones identitários que remetem a um tipo específico de personalidade, o tipo “moleca”. Além de sua apresentação há também outros símbolos, como suas músicas prediletas: rock, funk (americano), músicas eletrônicas, bandas “*edu luke, misfits, social distortion, the clash, boy sets fire*” e outros estereótipos que reforçam o

¹⁸ Ana Paula Saki.
Disponível em: <<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=296726394651761206>>. Acesso em: 18/4/2005.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=2582191318287724899>>. Acesso em: 18/4/2005.

perfil. Seus seriados prediletos remetem a conflitos, como *Big Brother Brasil*, João Cléber (conhecido por apresentar discussões), e, na mesma linha, Márcia Goldschmidt. Entre os filmes preferidos há contrastes, ao lado de *Star Wars*, *Ferri's Bueller Day Off*, e *Chasing Amy*, os favoritos da “molecada”, também se encontram romances como *Sweet November*, e mesmo outros mais populares como *O Senhor dos Anéis* e filmes da Pixar^{TM20}.



²⁰ Pixar é marca registrada da Pixar Entertainment TM & © 1986-2005. Todos os direitos reservados.

A limitação na diagramação dos perfis proposta pelo Orkut lhe confere um formato ímpar, cuja singularidade advém do fato de que, nesse ambiente, uma identidade virtual deve necessariamente estar vinculada a outras, conexão que faz com que ali, ao contrário do que ocorre na maioria dos ciberespaços, o indivíduo não seja visto isoladamente, abstraído do mundo e dos contextos sociais.

No Orkut os usuários são identificados não somente pelas descrições pessoais, como também por sua rede de amigos e comunidades, fator que inicialmente pode passar despercebido, mas que revela sua importância ao se refletir sobre as concepções identitárias e manifestações estéticas presentes naquele universo.

Uma observação mais atenta desse aspecto leva à percepção de que o Orkut faz emergir no ciberespaço uma nova concepção de pessoa, que não encontra, no repertório estabelecido, uma designação pronominal adequada.

As identidades apresentadas no Orkut não podem ser consideradas como uma primeira pessoa do singular e tratadas simplesmente por “eu”. Muito menos podem ser vistas estritamente como uma primeira pessoa do plural, “nós”. A vinculação identitária do Orkut, extremamente complexa, produz uma noção de pessoa que é inédita e, portanto, requer também uma nova designação, pois não existe no sistema gramatical atual uma forma pessoal que dê conta de representar e apresentar essa complexidade.

As reflexões acerca dessa singularidade, por um lado, evidenciam as limitações da adequação desse novo tipo de identidade ao conjunto de pronomes disponível, mas, por outro, também sugerem a busca de uma alternativa pronominal em outros sistemas de referências.

Nesse sentido, torna-se possível estabelecer, ainda que indiretamente, uma relação de analogia com uma peculiar forma de representação pronominal existente na língua tupinam-

bá²¹, que possui três formas distintas para representar o *nós* (Rodrigues 1993). Nela se destaca a importância atribuída ao contraste entre falante e ouvinte e a noção de inclusão ou não daquele que fala²², ou com quem se fala, aspecto presente também no Orkut, onde se pode perceber, tanto na apresentação de uma pessoa como na de uma comunidade, a inclusão do “eu”, do “ele” e do “vocês”, que é imediatamente notada na diagramação do perfil. São diversas identidades abrigadas em uma única, o que conforma a situação máxima do mecanismo de alo-definição. Contudo, embora se ressalte que essa participação de várias identidades na composição de uma só não deve ser tomada como exclusividade do Orkut, pois ocorre em todas as etapas da afirmação do sujeito no mundo; mesmo quando não é reconhecida, nota-se que ela se exprime de modo peculiar nesse ambiente, porque passa a ser visível.

A inclusão do outro na identidade

(Perfil: amigos de Raphaela – análise estética)

Ainda no mesmo perfil, podemos ver, no lado direito, a participação de seus amigos caracterizando a discussão pronominal citada na análise. Nesta diagramação seus amigos, aqueles que compõem seu círculo social, estão diretamente associados a ela. Eles não são simples espectadores, ou participantes, como nos *blogs* e *fotologs*. Neste ciberespaço seus amigos fazem parte diretamente de sua identidade. Luciana, Álvaro, os DJs de Padaria e outros 541 amigos fazem parte da definição de Raphaela.

²¹ O tupinambá é uma língua da família do tupi-guarani.

²² Informações do Laboratório de Línguas Indígenas da UNB. Disponível em: <<http://www.unb.br/il/lab/ind/original.htm>>. Acesso em: 28/3/2005.

Reflexos da comunidade

comunidades dela (64)

Bu! The Monsters Inc. Kid! (27331)	Colégio Marista São Luís (1898)	bananaterapia (18)
OUTBACK - Alphaville (607)	Mackenzie Tamboré 1999 (90)	Vaca Devasa (57)
Alphaville (5246)	Eu não uso lead! (84)	Tim Burton (10835)

(Perfil: comunidades de Raphaela – análise estética)

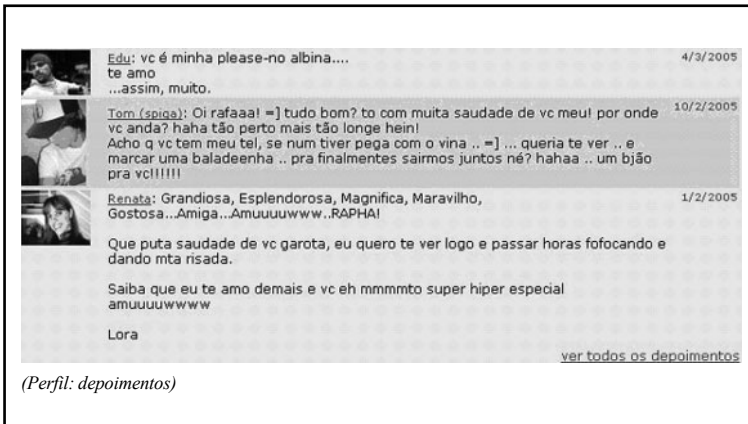
Também percebemos alguns traços da personalidade em comunidades como “Vaca Devasa”, comunidade de pessoas que apreciam os contos românticos e pornográficos do escritor Roberto, “bananaterapia”, comunidade para os apreciadores da música de Edu Luke (funk-jazz), “Eu não uso LEAD”, comunidade dos jornalistas que não começam seus textos com o *lead*, “Tim Burton”, e “Bu! The Monsters”, comunidade de fãs da personagem Bu do filme Monstros S.A.® Pixel™

Esse fenômeno pode ser observado na diagramação do perfil de Raphaela, no qual a identidade é composta não apenas pelos amigos, mas também, logo abaixo deles, por algumas comunidades das quais ela participa. Comunidades que a definem e que se revezam na apresentação a cada vez em que se entra no seu ciberespaço.

O último ponto de alo-definição no perfil do Orkut são os depoimentos, quase sempre feitos por amigos que se conhecem pessoalmente, pelos quais é possível comparar o que foi dito por outra pessoa com a autodescrição.

No caso de Raphaela, todos os que se manifestaram dizem conhecê-la pessoalmente. Alguns relatos mostram a

relação de carinho que seus amigos têm por ela. Também se nota que a maioria das pessoas que fala sobre ela são homens e que alguns deles demonstram uma amizade incomum com o normal feminino. Alguns depoimentos revelam uma mulher carinhosa, outros uma mulher “durona”, “descolada”. É o grau mais legítimo de seu perfil.



Os mecanismos de alo-definição são presença obrigatória em qualquer manifestação identitária, eles participam ativamente desse processo. Apesar de restringirem a auto-definição, aumentam o grau de legitimidade e, em determinados casos, tornam a comunicação entre as identidades possível de ser realizada.

3 Conclusão

Nossa tese é de que a linha que separa as identidades concretas e virtuais representa um *continuum* em vez de uma divisão, ampliando assim uma das teses de Anders sobre a arquitetura virtual (Anders 2001). Diferentemente do espaço concreto, o ciberespaço trazido pela Internet dá uma

maior importância a implicações estéticas, em detrimento das prescrições de ordem material.

Percebeu-se, ao longo desse trabalho, que a autodefinição imbrica-se com a alo-definição de maneira complexa. A constituição identitária é criada de tal forma que não se sabe com precisão onde termina a livre manifestação do indivíduo nem quando esta é castrada pelos elementos alo-definidores mostrados nesse artigo. Ambas, auto e alo-definição, formam um todo que compõe a identidade.

A questão estética na construção de identidades é um fator cada vez mais significativo. É o meio pelo qual o usuário pode se expressar e interagir com quem se expõe pelo uso de textos, imagens e da diagramação, que se tornará um fator cada vez mais relevante. Porém ele trata, num segundo momento, de uma discussão que gira em torno da liberdade do usuário em se manifestar e das restrições que o *software*, os prestadores de serviço e a sociedade impõem.

O recorte estético dado ao artigo teve como principal meta delinear os elementos que ditam a construção gráfica do indivíduo virtual. Sendo assim, como observamos durante a argumentação do trabalho, trouxemos os elementos que restringem o trabalho “artístico” que envolve esse novo meio de comunicação. Vimos que a estética, desde seu surgimento, é pautada não pela preocupação com a criatividade, ou pela tentativa de entender o autor, mas pelos elementos que o limitam. Trabalha com suas dificuldades práticas e o aconselha da melhor maneira possível para que tenha êxito em seu trabalho. Assim, ao descrevermos as imposições dos *softwares*, dos tipos de serviço (*blog, fotolog* etc.) e, principalmente, dos fatores sociais de alo-definição, trazemos para a discussão acadêmica as principais questões estéticas com as quais o indivíduo deve lidar hoje na Internet.

Este artigo, que no seu corpo principal tratou das questões relativas à Internet, à produção de identidade no ciberespaço, descreveu as principais características desses fenômenos e a relação deles com o homem. Porém, essa análise não termina por aqui, há muitas perguntas sobre o tema proposto que ainda devem ser respondidas, assim como inúmeras questões sobre esse meio de comunicação que ainda não foram devidamente estudadas e que se tornaram cada vez mais frequentes e complexas. Matéria-prima para novas pesquisas e munição para cada vez mais debates sobre o assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERS, P. *Extending architecture through electronic media in speed*. Plymouth UK: Liquid Press, 2001.
- ARGAN, G. C. *Arte e crítica de arte*. Lisboa: Estampa, 1995.
- BACCEGA, M. A. *Comunicação e linguagem: discurso e ciência*. São Paulo: Moderna, 1998.
- BARROS FILHO, C. & LOPES, F. “O eu e seus afetos”, in *Revista da FAMECOS*, Porto Alegre, vol. 1, nº 22, 2003.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- . “Algumas propriedades dos campos”, in *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- GERBNER, G. *Against the maistream: the selected works of George Gerbner*. New York: Peter Lang Pub Inc., 2002.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- . *The presentation of self in everyday Life*. New York: Doubleday Anchor, 1990.
- GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1993.
- HOBBS, T. *Leviathan ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*, in *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

- KANT, I. *Crítica da razão pura*, in Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- KOSSOVITCH, L. “Contra a idéia de renascimento”, in NOVAES, Aduino. *Artepensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1987.
- MENEZES CAMPOS, I. “A Obra Além da Obra: O Grito de Eduard Munch”, in AJZENBERG, Elza (org.). *Estética USP 70 anos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.
- MEUCCI, A. “Ensaio sobre uma revisão crítica da história da arte”, in AJZENBERG, Elza (org.). *Estética USP 70 anos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.
- OLIVEIRA, M. B. *Da ciência cognitiva à dialética*. São Paulo: Discurso, 1999.
- SHOPENHAUER, A. *A Metafísica do Belo*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.
- _____, *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- WITTGENSTEIN, L. *Philosophical investigations*. London: Basil Blackwell, 1958.
- WOBER, J. M. “Televised violence and paranoid perception: the view from Great Britain”, in *The public opinion quarterly*, vol. 42, nº 3, Oxford University Press, Autumn, 1978.